

NOMEAR

VILEM FLUSSER

A Bíblia nos conta que a primeira atividade produtiva do homem, a sua única atividade paradisíaca, era nomear. Adão chamava os animais por nomes. Desta maneira assumia, simbolicamente, o governo da natureza. A etnologia, em seus estudos dos povos chamados "primitivos", depara com o fenómeno universal da magia do nome. A posse do nome do inimigo confere ao possuidor poderes sobre a sua pessoa. Chamar um nome equivale a governar a coisa que o nome significa. O nome possui uma força poderosa e misteriosa, possui "mana". Conhecer o nome de uma divindade equivale à capacidade de provocá-la, invocá-la e evocá-la, tornando-a subserviente à própria vontade. O magico é um provocador, invocador e evocador, um chamador que conhece os nomes. Os nomes são o tesouro mais precioso e hermeticamente guardado da tribo. O nome de uma pessoa torna-se tabu depois de sua morte. Certas tribos são, portanto, forçadas a modificar a composição lexical da língua de geração em geração. A palavra "peixe", por exemplo, que era o nome de uma pessoa falecida, precisa ser substituída por outra. Pronunciar um nome em vão é pecado terrivelmente castigado. Fausto, versado nas artes da magia, pergunta a Mefisto por seu nome, porque sabe que "é possível ler a essência (Wesen) no nome". Mefisto, esse espírito diabólico (de "diabolein-jogar confusamente, confundir"), tentando confundir Fausto, diz que a pergunta lhe parecer ser pequena, vindo de alguém que despreza palavras. Entretanto, exige, mais tarde, que o pacto firmado entre ambos seja fixado em palavras escritas. O desprezo pela palavra é uma confusão que o diabo provoca para apoderar-se da alma. O poder da palavra, do nome, é sustentado pelas religiões. O nome de Deus é impronunciável. Ele nos conduz pelos caminhos da justiça por causa de Seu nome. Também no mundo profano o poder é delegado pelo nome. A autoridade age em nome da República, da lei ou da justiça. O nosso nome próprio é equívoco e faz parte da língua comum. Não nos dá a autoridade para nos agirmos em nosso nome, cedendo-lhe, destarte, os nossos poderes. Em breve: "no men est omen".

Esta qualidade ominosa do nome é da atividade do chamar, sendo relegada ao esquecimento pelo espírito civilizado, o qual deixou, aparentemente, bem para trás a fase mágica do seu desenvolvimento, embora cada um de nós continue tentando "fazer um nome" e "conservar seu bom nome". Este não se pense nisso, fraudiano quanto ao nome é significativo e poderoso. O nome é o fundamento da atividade do chamar e fazer lembrar a função do nome e da atividade do

com os quais opera. Os nomes da física, por exemplo, tendem a ser símbolos matemáticos. Em geral, entretanto, os nomes científicos são emprestados da língua comum, mas mudam de significado. Por exemplo: o nome "atração", emprestado da língua comum, faz parte da lista de presença da física, química, biologia e psicologia. É evidente que este nome significa algo diferente, chama um fenómeno diferente, nos seus diferentes contextos. Seria, portanto, ingenuidade metafísica perguntar se as diferentes ciências nomeiam a "mesma realidade". Cada ramo da ciência, operando com nomenclatura diferente, invoca e evoca algo diferente. As semelhanças entre as nomenclaturas não são pontos de contacto, mas fontes de confusão. Cada ciência é, pois, um mundo completo, quase fechado sobre si mesmo. Na medida, entretanto, que cada ciência se expande, isto é, na medida em que nomeia novos fenómenos, cria novos nomes, invade, pelo menos aparentemente, o território de uma ciência diferente. Estes aparentes pontos de contacto entre as diversas ciências são, na realidade, zonas litigiosas. Um exemplo: a eletrólise da água pode ser interpretada fisicamente e quimicamente. Forma, assim, uma zona litigiosa. Com efeito, a "eletrólise" é algo diferente na física e na química, não nomeia, não significa "a mesma coisa". Outro exemplo mais berrante: a luz pode ser interpretada pela ótica e pela mecânica dos quanta. Entretanto, significa, nos dois contextos, "algo diferente". A luz "em si", o fenómeno "real" não entra em jogo. É, neste sentido, problemático que cada ciência significa "a realidade inteira" e serve para explicar "toda a realidade". Nada impede explicarmos, tudo fisicamente, psicologicamente, biologicamente ou economicamente. A nossa explicação será a enumeração da lista de presença de cada uma dessas disciplinas e será completa. Todos os memos, como exemplo, esta máquina de escrever. Este nome faz parte da língua comum e significa "algo". Enquadrado na lista da física, será um caso específico de um campo eletromagnético; e significará "algo diferente". Enquadrado na lista da psicologia, será um caso específico de impressões sensoriais e significará "algo diferente". Enquadrado na lista da economia será um caso específico de produto; e significará "algo diferente". Pressupor-se que estes significados têm algum elo comum inarticulável, por exemplo, uma "máquina de escrever", é basicamente intraduzíveis para o ni-

balho é fazer lembrar a função do nome e da atividade do chamar naquela disciplina que substitui, na nossa sociedade, o papel da magia: na ciência. A tarefa será de sugerir que a ciência se distingue da magia menos radicalmente de que geralmente estamos dispostos a admitir. Fundamentalmente ela continua nomeando.

A atividade científica pode ser descrita da seguinte maneira (embora um tanto heterodoxa): (1) o espírito empenhado chama um fenômeno para que este se apresente; (2) o fenômeno assim invocado recebe um nome (torna-se conceito); (3) o conceito assim denominado é enquadrado na lista de presença dos conceitos anteriormente chamados para ser contado; (4) a lista de presença é modificada para acomodar o novo conceito; (5) a posse da lista modificada, isto é, a posse de todos os nomes dos fenômenos até agora chamados e organizados apropriadamente, proporciona ao espírito o governo sobre os fenômenos denominados. A fase (1) é chamada, comumente, "observação"; a fase (2), "classificação"; a fase (3), "experimentação"; a fase (4), "teoria"; e a fase (5), "ciência aplicada". É preciso admitir que esta maneira de descrever a atividade científica é, além de heterodoxa, demasiadamente sumária. Basta, entretanto, para o objetivo deste trabalho. Deixemos de lado o aspecto epistemológico dessa atividade, isto é, o problema de como se aproxima, no curso dessa atividade, o espírito do fenômeno, como o "conhece". Concentremo-nos sobre o seu aspecto ontológico: que tipo de realidade tem o fenômeno, que tipo de realidade tem o nome no curso dessa atividade?

O fenômeno, aquilo portanto que o espírito chama, não entra, propriamente dito, na lista de presença dos conceitos com os quais o espírito empenhado cientificamente se preocupa. Essa lista consiste exclusivamente de nomes. A ciência é uma disciplina que cria, organiza e combina nomes. Assim concebida, ela é um caso especial e especializado de poesia. Os fenômenos são aquilo que os nomes científicos chamam. A realidade desses fenômenos não é, portanto, um problema científico. Um exemplo ilustrará esse fato. A física clássica opera com o nome (conceito) "força". A física atual abandonou esse nome por motivos relacionados com a reorganização da lista de presença. Não interessa à ciência se o fenômeno chamado pelo nome "força" é real ou não. Outro exemplo contrário: a biologia atual opera com o nome (conceito) "biotipo". A biologia clássica desconhece esse nome. A realidade do fenômeno chamado por esse nome não entra nas cogitações da disciplina científica. É somente quando o cientista se põe a filosofar, isto é, quando deixa de ser científico, que o problema surge. A ciência é portanto uma disciplina preocupada exclusivamente com nomes. Nomes são toda a sua "realidade". A ciência se resume na atividade do nomear. É uma atividade puramente linguística. Cada ramo da ciência é caracterizado pelo tipo de nomes

2

traz, e todas elas são basicamente intraduzíveis para o nível da língua comum.

A especulação filosófica esforça-se por estabelecer uma hierarquia das ciências, salvando, pelo menos em parte, o significado "real" da ciência. O mais impressionante desses esforços foi feito por Nicolai Hartmann. Entretanto, há algo de subjetivo e premeditado em todos eles. O desejo é o pai deste tipo de pensamento. Nenhuma especulação pode encobrir o fato de que "a realidade" não entra nas cogitações científicas, de que a ciência é, fundamentalmente, uma arte abstrata.

Entretanto, persiste o seguinte milagre: a ciência, quando aplicada, funciona. Consideremos essa "aplicação". O nome (conceito) científico, organizado e enquadrado na lista de conceitos da ciência específica, modificado, portanto, é como que expellido da ciência, ele é proclamado, e se transforma em fenômeno, vira fenômeno novamente. Trata-se de um milagre autêntico: o processo não é intelectualmente acessível. Somos forçados a aceitá-lo como dado. Devemos aceitá-lo num ato de fé, num ato de fé na ciência, com efeito. Devemos crer que a ciência funciona, embora essa fé seja absurda intelectualmente. Devemos crer, em outras palavras, que há uma correspondência "real" entre nome e fenômeno, entre símbolo e o que o símbolo simboliza. Esta posição é intelectualmente profundamente incomoda, mas não vejo como pode ser honestamente evitada. Ela é idêntica à posição do "primitivo" em face da magia. E, com esta consideração volto ao ponto de partida.

A magia, tanto quanto a ciência, funciona quando aplicada. O dançarino se transforma tão "realmente" em canguru, e, após os ritos simbólicos apropriados, chove tão "realmente", quanto o urânio se transforma "realmente" em energia, e quanto o avião "realmente" voa. O processo é, com efeito, o mesmo. O mágico, tanto quanto o cientista, chama o fenômeno, dá-lhe um nome, enquadra o nome na lista dos fenômenos já denominados, e, tendo invocado e evocado o fenômeno, domina-o. As diferenças entre as duas disciplinas não são essenciais. A magia é hermética, a ciência professa não o ser, mas se torna hermética à medida em que progride. O método mágico é ilógico; o método científico é aparentemente lógico, embora recorrendo a induções e inferências por enumeração, de uma logicidade discutível. Mas, mesmo aceitando sem crítica a logicidade da ciência, devemos admitir que nada nos autoriza a considerar o método lógico superior ontologicamente e epistemologicamente a qualquer outro. A ciência funciona "melhor" que a magia. Mesmo admitindo esta afirmativa, trata-se de uma circunstância estatística, de uma diferença de grau, não de qualidade.

Em conclusão podemos dizer que nomear continua sendo a atividade mais nobre do espírito humano.